




Uma educação para a memória do Centenário da Independência do Brasil: os periódicos da Paraíba *O Norte* e *Era Nova* (1922)

An education for the memory of the Brazilian Independence Centennial: the periodicals from Paraíba *O Norte* and *Era Nova* (1922)

Una educación para la memoria del Centenario de la Independencia Brasileña: los periódicos de Paraíba *O Norte* y *Era Nova* (1922)

Fabiana Sena - Universidade Federal da Paraíba | Departamento de Metodologia da Educação/Programa de Pós-Graduação em Educação | João Pessoa | PB | Brasil. E-mail: fabianasena@yahoo.com.br | 

Ângela Maria dos Santos - Universidade Federal da Paraíba | Doutoranda em Educação pelo PPGE - CE/UFPB | João Pessoa | PB | Brasil. E-mail: m.angela19@gmail.com | 

Arthur Rodrigues de Lima - Universidade Federal da Paraíba | Doutorando em Educação pelo PPGE - CE/UFPB | João Pessoa | PB | Brasil. E-mail: limarthur5@gmail.com | 

Resumo: O centenário da independência do Brasil foi uma efeméride marcada pelos jogos de produção e de luta da memória. Neste sentido, buscamos dar visibilidade à comemoração do centenário da independência a partir dos periódicos *O Norte* e *Era Nova*. Ao se comemorar o bicentenário da independência, em 2022, parece salutar refletir sobre a arquitetura das festividades do centenário. A partir da análise sobre o processo de fabricação da memória em torno da independência do Brasil, o trabalho divide-se em duas partes. Na primeira há uma reflexão sobre o centenário da independência e a fabricação do sentimento nacional. Na segunda parte, reflete-se sobre os periódicos analisados nos produtos audiovisuais e os discursos que coloram em circulação na época. Esses movimentos nos permitiram observar como essas comemorações fizeram parte de um processo de feitura e monumentalização da memória, como também nos questionarmos diante da passagem dos 200 anos da independência.

Palavras-chave: imprensa; memória; centenário.

Abstract: The centennial of Brazilian independence was an ephemeris marked by games of production and struggle of memory. In this sense, we seek to give visibility to the commemoration of the centennial of independence through the periodicals O Norte and Era Nova. When celebrating the bicentennial of independence in 2022, it seems salutary to reflect on the architecture of the centennial festivities. Based on the analysis of the process of memory fabrication around Brazil's independence, the paper is divided into two parts. The first part is a reflection about the centennial of independence and the fabrication of the national feeling. In the second part, we reflect on the periodicals analyzed in the audiovisual products and the discourses that color in circulation at the time. These movements allowed us to observe how these commemorations were part of a process of fabrication and monumentalization of memory, as well as to question ourselves in the face of the passage of 200 years of independence.

Keywords: press; memory; centennial.

Resumen: El centenario de la independencia de Brasil fue una efeméride marcada por los juegos de producción y la lucha de la memoria. En este sentido, buscamos dar visibilidad a la conmemoración del centenario de la independencia desde las publicaciones periódicas O Norte y Era Nova. Con motivo de la celebración del bicentenario de la independencia, en 2022, parece saludable reflexionar sobre la arquitectura de los festejos del centenario. A partir del análisis del proceso de fabricación de la memoria en torno a la independencia brasileña, el trabajo se divide en dos partes. En el primero, se reflexiona sobre el centenario de la independencia y la fabricación del sentimiento nacional. En la segunda parte, se reflexiona sobre las publicaciones periódicas analizadas en los productos audiovisuales y los discursos que colorean la circulación en la época. Estos movimientos nos permitieron observar cómo estas celebraciones formaban parte de un proceso de elaboración y monumentalización de la memoria, así como cuestionarnos ante el paso de los 200 años de independencia.

Palabras clave: prensa; memoria; centenario.

- Recebido em: 07 de novembro de 2022
- Aprovado em: 11 de janeiro de 2023
- Revisado em: 17 de agosto de 2023

1 Introdução

O ano de 2022 marcou o bicentenário da independência do Brasil. São 200 anos de história e memória de sujeitos que, no seu tempo, testemunharam os desdobramentos do célebre 7 de setembro de 1822. O que essa efeméride significou para os homens, mulheres e crianças da época ao longo do tempo? Na busca de compreender o impacto da independência do Brasil, o Prof. Dr. Luciano Mendes Faria Filho, da Universidade Federal de Minas Gerais, idealizou e criou o Portal do Bicentenário, para dar visibilidade às histórias desse evento. O Portal retrata tal acontecimento, evidenciando “as expectativas e, também, os mais diversos sentidos de liberdade e de independência, ou seja, a construção de novos significados e possíveis históricos” (PORTAL..., 2022b).

O Portal do Bicentenário se constitui por meio de uma rede organizada, a partir de diferentes formas de parcerias, tendo a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) se tornado, desde 2020, sua tutora institucional, quando firmou o compromisso da responsabilidade jurídica e administrativa referente à infraestrutura. A equipe do Portal é extensa, contando com diversos(as) colaboradores(as) de instituições de ensino do Brasil (PORTAL..., 2022a) e, por ser uma atividade integrativa, conta também com diferentes apoiadores(as) e parceiros(as) externos(as) que sugerem conteúdos e ações voltados para a efeméride que aqui recordamos — a independência do Brasil.

Nessa perspectiva, nós pesquisadores(as), docentes e discentes dos Programas de Pós-Graduações da Universidade Federal da Paraíba e da Universidade de Pernambuco, dos respectivos estados da Paraíba e de Pernambuco, sentimo-nos motivados a participar dessa empreitada, produzindo material que provocasse reflexões para o Bicentenário da Independência. Dessa forma, buscamos tratar dessa efeméride, considerando o que houve no primeiro aniversário, ou seja, no Centenário da Independência, para compreender como ocorreram os preparativos, como se deu o impacto desse evento na população da época, na imprensa da época. Convém dizer que esta última se configura, para este trabalho, como fonte de pesquisa, utilizada para evidenciar o fato histórico aqui analisado. Assim o fazemos em razão de a imprensa ser o veículo que mais circulou entre a população no período bem como por ser possível verificar aspectos da sociedade onde o impresso está inserido. De acordo com Martins e Luca (2008, p. 8),

“os impressos que aqui circularam em duzentos anos não só testemunham, registram e veiculam nossa história, mas são parte intrínseca da formação do país”.

A partir dessa fonte — a imprensa —, foram realizados quatro episódios, em forma de audiovisuais curtos (em média de 2 minutos e 30 segundos), sobre o que e como os jornais divulgaram o Centenário da Independência do Brasil na Paraíba e em Pernambuco. Dito isto, o objetivo deste trabalho é apresentar e refletir sobre a produção audiovisual, inserida no contexto. Para tanto, no primeiro momento, discutimos como se deu o processo de comemoração do Centenário no Brasil, tomando a memória como elemento constitutivo. E, no segundo e último momento, apresentamos os periódicos paraibanos *O Norte* e *Era Nova* de 1922, que abordaram sobre o referido Centenário.

Os vídeos estão publicados no site do Portal do Bicentenário, na aba da Independência, e são de acesso livre. A Figura 1, abaixo, mostra o *layout* de abertura que se apresenta nos audiovisuais, cujos destaques simbolizam o interesse dos Programas de Pós-Graduação das universidades federais de Pernambuco e da Paraíba em discutir a seguinte questão: Será que, na Paraíba e em Pernambuco, as formas de vivenciar o Centenário da Independência do Brasil se deram da mesma forma? Para as discussões sobre essa pergunta, tratamos tão somente de dois audiovisuais da Paraíba, em razão da especificidade do lugar e dos limites impostos para a composição deste texto.

Figura 1 - A abertura dos vídeos de PE e PB.



Fonte: PORTAL DO BICENTENÁRIO. **O Centenário da Independência do Brasil.** Rio de Janeiro: Anped, 2022. Disponível em: <https://portaldobicentenario.org.br/timeline/narrativas-das-comemoracoes-do-centenario-da-independencia-em-pernambuco-e-na-paraiba/>. Acesso em: 10 out. 2022.

Nessa perspectiva, o propósito deste artigo não é apresentar em detalhes o processo de realização da produção audiovisual, mas, sim visibilizá-la, por meio da reflexão que esse material pode oferecer ao leitor (professor do Ensino Básico, estudantes da Graduação e da Pós-Graduação) na busca dos fatos sobre essa efeméride. Entendemos ser fundamental provocar na comunidade em geral, e em especial, na acadêmica, a curiosidade sobre esse material, atentando para a concepção mais ampla de uma educação para a memória. Assim, nos apoiamos em Neves (2000, p. 1), que nos auxilia a compreender o lugar que o produto do audiovisual pode tomar:

[...] fornece uma pista preciosa sobre a vontade de alargar a reflexão sobre o ato de ensinar e seu simétrico necessário, o exercício de aprender, para além do mero conhecimento de técnicas e procedimentos pedagógicos praticados nos espaços predefinidos como educativos tais como escolas, universidades e demais centros de ensino, já que a educação também se realiza por intermédio dos meios de comunicação de massa, da participação em espaços de sociabilidade das mais distintas naturezas, da inserção no meio profissional e em tantos outros meios que podem ser considerados educativos(sic) porque neles é possível a troca e o crescimento, neles o conhecimento é produzido e deles é a tarefa de formação de conhecedores.

Por compreender, a partir de Pollak (1992), que a memória é um fenômeno construído social e individualmente, este trabalho está no horizonte de colocar o Centenário da Independência na sedimentação de uma memória coletiva para a fundação da identidade nacional. As festividades de tal acontecimento contribuem para a formação de um sentimento nacional em um período no qual a República buscava afirmação ante a memória do Período Imperial.

2 O Centenário da independência no Brasil: memória em construção

A Revolução Francesa serviu de modelo, na historiografia brasileira recente, como elemento de estudo e análise sobre como a fabricação de mitos e narrativas, a partir da criação de símbolos e heróis, se relaciona à produção do sentimento nacional. A dita Revolução marcou o nascimento da concepção de “nação-contrato”, cujo alicerce se substanciava na manutenção da unidade político-territorial, na existência de uma lei ordinária e na cidadania (MOTTA, 1992). Há que se considerar, também, que “a manipulação do imaginário social é particularmente importante em momentos de mudança político e social, em momentos de redefinição da identidade coletiva” (CARVALHO, 2017, p. 11).

A “nação-contrato” inscreve-se mediante a concretização de símbolos, práticas, comportamentos e valores firmemente ancorados na vida social e na memória coletiva. No caso

brasileiro, 1922 pode ser considerado como um ano paradigmático, na medida em que nele foram centrados acontecimentos que a historiografia elencou como marcos fundadores de “um novo Brasil” (MOTTA, 1992). A efervescência desse ano foi marcada por fortes elementos como a fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB) e a Semana de Arte Moderna de 1922, movimento artístico-cultural que pretendeu oferecer à arte brasileira uma identidade própria.

Nesta esfera política e social, o governo republicano articulou e empreendeu as comemorações do centenário da independência. Na república que, todavia, ainda germinava, este marco temporal foi palco de disputas políticas e ideológicas relacionadas às representações imagéticas da história do país e aos resquícios e lembranças do período imperial. A produção de uma memória coletiva que legitimasse a República entrou em tensão.

A elite intelectual do período se fez efetivamente presente, ocupando o espaço na imprensa periódica, por exemplo, como um espaço que teria como princípio divulgar, com imparcialidade, os fatos, interpretação segura sobre o passado, presente e futuro do Brasil. Os grupos intelectuais influenciaram nesse processo, no sentido de elaborarem imagens fundadoras da nacionalidade, consideradas entre os critérios indispensáveis na definição de uma identidade nacional.

Ao legitimar o regime republicano, ainda visto por camadas populares da época como um golpe militar liderado por atores que pouco tinham atuado na política, as estratégias de comemoração das festividades do centenário da independência repercutiram narrativas relacionadas à legitimação do regime republicano no imaginário popular. A saída, para tanto, foi combinar o novo com a volta às origens.

O início da década de 1920 foi fértil em balanços e avaliações sobre o Centenário do Brasil independente. Neste sentido, o dia 7 de setembro foi moldado aos novos tempos em um movimento que os aglutinava aos resquícios do passado. O debate situou-se em torno do papel que deveria ser dado ao grito do Ipiranga e à figura do primeiro imperador, D. Pedro I, memórias trazidas do período monárquico e perspectivas para a república que se instaurava.

A representação de D. Pedro permaneceu intacta, como um dos autores do processo de independência. Em um país republicano que começava a se industrializar, as narrativas passaram a buscar, entretanto, o germe do espírito republicano nas terras brasileiras antes mesmo do processo de independência. Desse modo, D. Pedro I passou a dividir o espaço com outras representações; heróis nacionais, como Tiradentes, símbolos nacionais, como a bandeira, o hino

nacional e celebrações do calendário cívico foram articulados de modo a legitimarem os primeiros anos da República.

Tendo os liberais republicanos outrora defendido o 7 de abril de 1831 como data definidora da nacionalidade, ao marcar a expulsão do primeiro imperador do Brasil e o início do período regencial, em 1922, o dia 7 de setembro deste último ano visou reconstituir a noção de independência da colônia em relação ao governo português e um compromisso patriótico que deveria ser encarnado em cada brasileiro. As festividades do primeiro centenário almejavam mostrar que o ideário republicano esteve presente desde o período colonial.

Neste sentido, as festas como um movimento de produção da memória coletiva caracterizaram-se por paradas militares, numa clara intenção de aproximar a festa da República e seus militares, rompendo com a identificação da Independência e da Monarquia. O governo de Epitácio Pessoa (1919-1922), que atravessava um momento de instabilidade política, com muitos estados envolvidos em querelas territoriais, atuou, por meio dos mecanismos de Governo Federal, a envolver as diversas instâncias republicanas nas festividades – estados e municípios articularam inauguração de monumentos e equipamentos públicos, exposições artísticas e culturais, paradas militares e campeonatos esportivos para abalizarem a passagem da data. Faz-se necessário mencionar que Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa nasceu na cidade de Umbuzeiro, no estado da Paraíba, no dia 23 de maio de 1865, e faleceu em Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro, em 13 de fevereiro de 1942. Foi presidente da República entre os anos de 1919 e 1922, pelo Partido Republicano Mineiro (PESSOA, 1915).

Os inspetores escolares do Distrito Federal publicaram uma programação para a comemoração da data nas escolas primárias, dado que o ensino secundário era algo escasso e ao qual poucos tinham acesso naquele período. A intenção da inspetoria federal era que os estabelecimentos escolares promovessem a “adequada manifestação cívica”. As orientações eram divididas em duas seções: textos sobre a rememoração do acontecimento do Ipiranga e a sugestão de práticas pedagógicas a serem implementadas nas unidades escolares. Na comemoração do Centenário da Independência, as escolas foram articuladas de modo a auxiliarem na difusão do sentimento nacional e no fortalecimento do culto a pátria (COSTA; SOARES, 2020).

Sobre memória coletiva, Pollak (1992, p. 4) alerta para a preocupação que este momento constitui em sua estruturação:

Todos sabem que até as datas oficiais são fortemente estruturadas do ponto de vista político. Quando se procura enquadrar a memória nacional por meio de datas oficialmente selecionadas para as festas nacionais, há muitas vezes problemas de luta política. A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo.

Observa-se, assim, que, em um país que ainda almejava consolidar uma identidade nacional, as festividades do Centenário da Independência contribuíram para que o Sete de Setembro se configurasse em lugar de memória comum da identidade nacional. Por meio de uma colagem da memória do período imperial e da memória do período republicano, as festividades tiveram, como princípio, articular as memórias individuais em torno de uma memória coletiva nacional.

3 Notícias sobre o centenário nos periódicos da Paraíba: *O Norte e Era Nova*

As comemorações relacionadas ao amor pátrio despontaram distintos sentimentos nos brasileiros. A título de exemplo, temos o estado de Pernambuco que, a partir de seu histórico de revoluções desde o período colonial, criou a chamada pernambucidade, discurso identitário ligado ao orgulho pernambucano. Os jornais da época, a partir de um movimento que colocava em segundo plano a independência do Brasil, no auge das festividades do centenário, afirmavam que, caso o Brasil não tivesse se tornado independente, Pernambuco já seria um Estado independente. E na Paraíba? Será que a compreensão das festividades partilhava dessa mesma ideia?

A partir da criação do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) em 1905, iniciou-se uma sistematização de discursos de cunho historiográfico na Paraíba. O periódico do próprio Instituto como também a publicação de obras de figuras como Maximiano Lopes Machado - Advogado, professor, jornalista e político, foi um dos fundadores do IHGP e autor de *História da Província da Parahyba* –, passaram a colaborar para a chamada paraibanidade (NASCIMENTO, 2016). Tal concepção, todavia, diferentemente do movimento ocorrido em Pernambuco, esteve ligada a um esforço de tornar a história da Paraíba conhecida nacionalmente. Nesse ínterim, a participação do estado nas comemorações do centenário da independência visava assegurar tal lugar no imaginário nacional.

Na Paraíba, ocorreu, portanto, um movimento contrário ao de Pernambuco. O estado almejava participar das festividades centenárias, vistas como algo que “todos os brasileiros iriam promover”. O Centenário da Independência do Brasil foi visibilizada pelos periódicos *O Norte* e *Era Nova*, ambos da Paraíba. O jornal *O Norte* foi fundado no dia 7 de maio de 1908, em João Pessoa, pelos irmãos Oscar Soares e Orris Eugênio Soares, de família tradicional no comércio e política estadual. Após mudar de proprietário várias vezes, em 1954 foi incorporado ao império de Assis Chateaubriand. A última edição circulou em 1º de fevereiro de 2012. Nos primeiros anos, o jornal publicava reportagens, editoriais e colunas sociais. Circulava, em seu início, como independente de vínculos e disputas políticas. Por volta de 1915, porém, motivado por dificuldades financeiras, passou a se envolver em brigas políticas nacionais, dando apoio explícito à candidatura do paraibano Eptácio Pessoa à Presidência da República, que assumiu o cargo em 20 de julho de 1919 (ARAÚJO, 1986).

Este último se interessou em divulgar a programação dos festejos desde 1920, assim como fizeram os demais periódicos que circularam no Brasil na época. Assim, em 1º de janeiro de 1920, o jornal *O Norte* publicou o pedido para nomeação de uma comissão para reunir dados sobre a Paraíba, que pudessem servir para o Dicionário Histórico, Geográfico e Ethnographico do Brasil, organizado para a comemoração do 1º Centenário da Independência. A publicação dizia o seguinte:

A fim de atender ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o sr. dr. Eptácio Pessoa telegraphou ao sr. dr. Camilo de Hollanda, presidente do Estado, pedindo a nomeação de uma comissão para reunir syntheticamente dados sobre a Parahyba, que sirvam para o Dicionário Histórico, Geográfico e Ethnographico do Brasil, com o qual pretende aquella importante corporação científica comemorar o 1º centenário de nossa independência.

O sr. dr. Camillo de Hollanda convidou para fazer parte da referida comissão os srs. drs. Flavio Maroja, Manuel Tavares e Alcides Bezerra, conego Florentino Barbosa e professores Coriolano de Medeiros e José Coelho. (O NORTE, 1920a, p. 1).

Faz-se necessário destacar que, no ano do Centenário, a exaltação do Imperador D. Pedro I ganhou destaque perante produções de memória nacionalista. Aos 18 de maio de 1920, a coluna intitulada “Despostos mortaes do imperador”, no jornal *O Norte*, detalhava a importância dessa comemoração como uma forma de elevar a moral e a consciência histórica da população (O NORTE, 1920b).

Nesse período, a Paraíba estava sob a administração de Solon de Lucena, o qual buscou avigorar o seu papel de líder e articulador político, dando destaque às festividades do Centenário

por meio dos periódicos no decorrer dos anos que antecederam o 7 de setembro de 1922. Com o intuito de demarcar o seu lugar como um dos estados que mais celebraram esta data cívica, tendo em vista que o presidente do Brasil na ocasião era Epitácio Pessoa, oriundo da Paraíba e primo de Solon de Lucena, as definições das comemorações começaram a ganhar pujança nos periódicos nos primeiros meses de 1922. Faz-se necessário mencionar que *O Norte* foi considerado o "órgão oficial" do epitacismo (ARAÚJO, 1986). Assim, tal expressividade dessa efeméride pode estar atrelada às relações políticas e familiares existentes na Paraíba.

Diante da vasta programação para esse evento, os periódicos se constituíram em importantes veículos de consulta para os seus leitores interessados nesses eventos patrióticos. Na primeira página do jornal *O Norte*, do dia 23 de junho de 1922a, foi publicizada a programação do Centenário da Independência, reunião convocada pelo governador Solon de Lucena, ocorrida no palácio do governo:

- 1º dia: – manifestações civico-militares, com alvoradas, canções, passeios militares, exercícios de esgrima e atletismo. Despostos terrestres.
 - 2º dia: – Demonstração escolar e louvissima conferencia de character didatico sobre a Independencia Allegoria é Independencia na Praça Aristides Lobo.
 - 3º dia: – O dia atheletico – Exercicios de gymnastica desportivo, racional e pedagógico. Desportos.
 - 4º dia: – Sessão cívica sob os suplícios do Instituto Historico, Theatro infantil ao ar livre. Representação de uma peça allegorica e o feito de Pedro I.
 - 5º dia: – O dia da mulher, Homenagem á virtudes imperatriz D. Maria Leopoldina. A noite execicios theatraes.
 - 6º dia: – Alvorada da Independencia cantada por um grande côro de moças patricias. Composição de um poeta e de um musico parahybano.
 - 7º dia: – Missa campal – Oração gratulatoria da Independencia, ao pé do Cruzeiro de S. Francisco.
- Inaugurações commemorativa de monumentos, praças, ruas etc. Pretito cívico.
Grandes retratos públicos com painéis pyrotechnicos, á noite e um te Deum. (p. 1).

Figura 2 - Programação para os festejos do Centenário no jornal *O Norte*.



Fonte: O NORTE. Paraíba do Norte, ano 15, n. 4001, 23 jun. 1922a. p. 1.

A realização dos eventos estava prevista para ocorrerem no período de 2 a 7 de setembro, no entanto acabaram se estendendo e se concluíram no dia 12 daquele ano. Assim, foi noticiado no jornal *O Norte*, no dia 12 de setembro de 1922: “marcado o dia 07 para término das festas, tiveram ellas, no entanto, prolongamento. E’ assim que teve logar na sexta feira, no Theatro Santa Rosa, as vinte horas, o concerto brillantini” (O NORTE, 1922b, p. 1). Com imenso orgulho dos festejos realizados, o jornal supracitado destacou: “afóra o Rio de Janeiro, podemos dizer sem contestação que em nenhum ponto do paiz se realizaram festejos tão imponentes e significativos”. De acordo com *O Norte* (1922b, p. 1), o encerramento constituiu um dos números mais encantadores da sequência de solenidades desenvolvidas até então, com o fito de promoverem a sociedade da capital, que patrocinou o evento, como uma sociedade culta e afeita à “cultura erudita”.

A cidade foi envolvida pela atmosfera dos festejos. As ruas ficaram movimentadas, diversas pessoas de outros municípios vieram à capital para participarem das intensas atividades realizadas ao longo da semana. No Clube Astréa – fundado em 30 de maio de 1886, localizado no bairro de Tambiá, centro da capital João Pessoa, cercado de palacetes de famílias abastadas construídos nas imediações –, foi realizado um baile que contou com a participação de autoridades da época, comerciantes, imprensa, membros da indústria e grupos da elite local,

deixando claro, assim, uma elitização de parte das solenidades desenvolvidas alusivas ao centenário da independência do Brasil.

No dia 07 de setembro de 1922, a capital, João Pessoa, e o interior da Paraíba amanheceram ao som de diversas alvoradas, com as suas ruas em “galharda ornamentação” nas cores nacionais. Foi inaugurada a Praça da Independência, no formato da bandeira da Inglaterra, às 11 horas daquela manhã, com a presença do presidente do estado, Solon de Lucena, o prefeito da cidade, dr. Guedes Pereira, o arcebispo metropolitano, e primo de Solon de Lucena, Aduauto Aurelio de Miranda Henriques, e demais autoridades, como uma estratégia de monumentalização e produção da memória em torno daquelas festividades.

A Exposição Nacional do Centenário, ocorrida no Rio de Janeiro, tendo como Secretário Geral da Comissão o Sr. Dr. Delfim Carlos Silva, consistiu em expor os produtos agrícolas dos estados brasileiros. Antes, porém, da exposição dos delegados estaduais, estes precisavam acompanhar um programa que deveria contemplar as áreas de agricultura, indústria pastoril, comércio, economia e estatística bem como o Regimento Interno da exposição. Desta forma, a Paraíba designou delegados para mediar e representar o que havia de melhor em seu estado. O responsável por representar os estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte foi Joaquim Pessoa. Essas informações foram publicadas nas edições de 7 e 22 de dezembro de 1921, do jornal *O Norte*, as quais noticiaram os primeiros passos da organização desse evento cívico.

O delegado Joaquim Pessoa recebeu inúmeros elogios quanto a sua condução dos preparativos para a exposição; ele também foi responsável pelos bônus da Independência (direito a 20 entradas na Exposição e à participação em sorteios com prêmios em dinheiro):

As amostras levadas da Parahyba do Norte foram dos municípios de Soledade, Picuhy, Ingá, Itabayanna, Alagôa Grande, Areia, Alagôa Nova, Pilar e Araruna.

De Alagôa Nova destacam-se uma collecção de óleos vegetaes, em que se inclue até o óleo de nogueira, e vários licores e vinhos de frutas.

Itabayanna enviou excelentes trabalhos em couro, como arreios, sells e vaquetas da afamada fabrica dos srs. Firmino & C.^a

De Ingá veiu uma collecção de minérios, em que sobressaem os de ferro, reconhecíveis á primeira analyse.

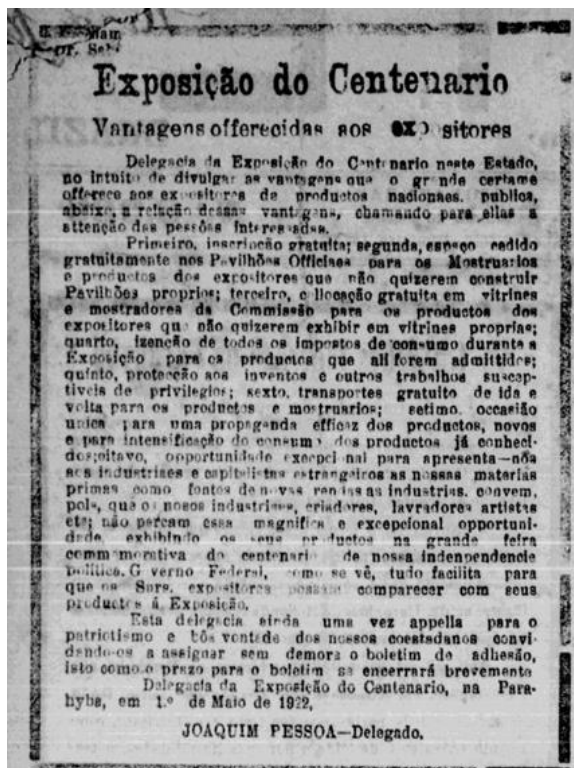
Soledade mandou quartzo róseo e turmalinas, muitos estimados em trabalhos de pedraria.

Fibras, plantas forageiras, cereas, assucars, algodões, sementes utensílios etc etc., há em larga quantidade, de diversos municípios.

Não tem sido sem um grande esforço e bem rumada tenacidade que o ilustre sr. dr. Joaquim Pessôa vem conseguindo accumular essa diversidade de objetos que figurão no brilhante certame de Setembro. (O NORTE, 1922c).

No dia 5 de maio de 1922, o delegado anunciou as vantagens que os comerciantes da Paraíba teriam ao participarem da propalada Exposição do Centenário, sendo uma estratégia de aumentar o número de participantes no evento, o que demonstraria patriotismo.

Figura 3 - Manchete da Exposição do Centenário no jornal *O Norte*.

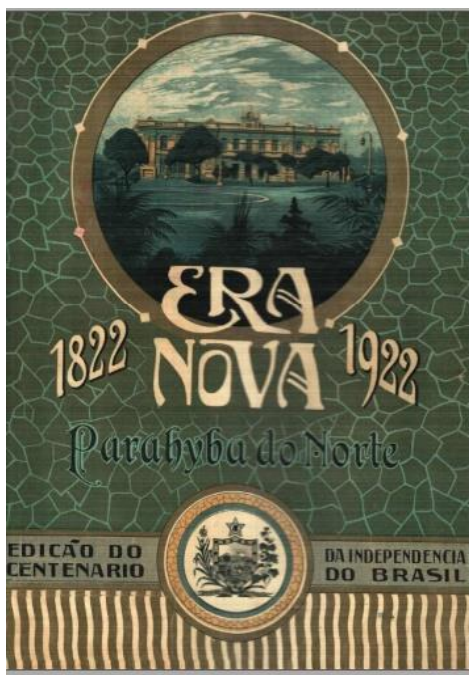


Fonte: O NORTE. Paraíba do Norte, 5 maio 1922. p. 2.

No que diz respeito à Revista *Era Nova*, esta foi fundada por Severino Lucena, em 27 de março de 1921, na cidade de Bananeiras, região do Brejo da Paraíba, e esteve em circulação até 1926. O redator-chefe foi Guimarães Sobrinho e teve “a proposta de inaugurar uma nova era nos círculos literários e intelectuais paraibanos” (RODRIGUES, 2013, p. 3). Revista quinzenal, ilustrada e em papel cachê e contou com diversos colaboradores, a exemplo de Coriolano Medeiros, Américo Falcão, Abel da Silva, Celso Mariz, Carlos Dias Fernandes entre outros brasileiros e estrangeiros (ARAÚJO, 1986).

Com os festejos pátrios, a *Era Nova* também publicou uma edição especial para as comemorações do 7 de setembro de 1922. De acordo com matéria dessa revista, publicação de 1º de julho de 1922, as festividades estavam ligadas tanto a iniciativas públicas como a iniciativas privadas, por meio de associações e instituições representativas da elite da época.

Figura 4 - Edição Centenário da Independência do Brasil.



Fonte: Era Nova 1822-1922: Edição do Centenário da Independência do Brasil, Paraíba do Norte, 1922. Disponível em: [ERA NOVA 1922 EDICAO CENTENARIO \(ufpb.br\)](http://ufpb.br/era_nova_1922_edicao_centenario). Acesso em: 23 jul. 2022.

A exemplo dessas participações, merece destaque uma matéria que, criticando a falta de organização das instituições públicas para criação de eventos esportivos em período prévio às comemorações, acabou por provocar a assunção de uma entidade privada nesse tipo de evento. Na matéria intitulada “Pelo Mundo dos desportos”, de 1º de julho de 1922, identifica-se que, aproximando-se as festas do centenário, não havia sido definida uma programação esportiva por parte das agremiações esportivas da Paraíba. Assim dizia a matéria: “Francamente, achamos que se cuidou muitíssimo tarde desse importante assumpto, não havendo motivo, por mais ponderável que se apresente, capaz de se justificar esse tão lamentável descuido das associações desportivas da Parahyba” (ERA NOVA, 1922a, p. 25).

Essa matéria fez com que o Clube Cabo Branco,¹ conforme publicado na Revista *Era Nova*, em 1º de julho de 1922, passasse a articular as agremiações esportivas para que o estado não ficasse fora dos festejos:

¹ Este clube foi fundado em 13 de dezembro de 1915 por um grupo de jovens, tendo como objetivo inicial formar um time de futebol. Sua sede inicial foi no bairro do Altiplano Cabo Branco. E, na década de 50, se instalou no bairro do Miramar, com uma arquitetura moderna de Acácio Gil Borsoi.

O Cabo Branco é quem está, neste momento, promovendo o reboliço geral auscultando destarte com patriotismo digno de elogios as necessidades e interesses inadiáveis de sua classe, para que não sejamos nós os únicos dentre todos os brasileiros a não promover festejos, mesmo modestos, por ocasião do 1º centenário da independência. (ERA NOVA, 1922a, p. 21).

De acordo com a matéria, a Paraíba teria um dever moral de participar das festividades, e graças à articulação do Cabo Branco, as agremiações esportivas não ficariam de fora. Para os grupos sociais da Paraíba, integrar as comemorações centenárias era motivo de status e reconhecimento diante da sociedade.

Conforme a revista *Era Nova*, em 1º de agosto de 1922, a Liga Desportiva Parayhbana, recebeu o convite para participar das festividades promovidas em Pernambuco:

Recebeu a Liga Desportiva Parayhbana, ora extinta, um telegrama de sua congênera no Recife convidando um combinado de foot-ball daqui para tomar parte nas festas do centenário naquela cidade. Será uma magnífica oportunidade de nossa mocidade forte demonstrar aos nossos vizinhos do sul a nossa pujança e o nosso valor desportivo. (ERA NOVA, 1922b, p. 21).

Mesmo confirmando a participação dos representantes da liga no evento, a matéria conclui: “Entretanto não se deverá nunca esquecer a responsabilidade que temos em salientar o máximo possível as nossas festas, e de maneira nenhuma prejudicar a mínima parcela do brilhantismo de nossas manifestações” (ERA NOVA, 1922b, p. 21). Vê-se, mais uma vez, o cuidado em se retomar o discurso do dever moral do Estado em participar das comemorações cívicas.

Além da articulação desportiva, a revista *Era Nova*, em 1922, apresentou algumas iniciativas ligadas ao esforço de participação no Centenário da Independência. O 22º Batalhão de Caçadores prestou juramento à Bandeira e realizou desfile em frente a este símbolo nacional. A Revista apresentou também um anúncio sobre o chamado Bônus da Independência – um sorteio alusivo à data centenária, o qual oferecia um prêmio de 500\$000 (quinhentos mil réis) e outros seis prêmios menores de 100\$000 (cem mil réis). As comemorações da independência na Paraíba foram frutos da articulação de diversos grupos sociais, não constando apenas das iniciativas do próprio governo da época.

A revista *Era Nova*, que tinha publicação quinzenal, lançou um número especial alusivo às comemorações do centenário tanto na capital do Estado, João Pessoa, como no interior. De acordo com esse periódico, era importante essa frequência para que se demonstrasse que a

imprensa paraibana estava alinhando filosófica e patrioticamente as festividades que estavam sendo desenvolvidas. Assim, a Revista divulgou a realização de uma série de obras estruturais como marco da passagem dessa data cívica: a reforma da sede do 22º Batalhão de Caçadores; a construção da barragem de São Gonçalo, no interior do estado; e a construção do edifício dos Correios e Telégrafos. Neste sentido, as comemorações não se restringiram unicamente a campeonatos esportivos, desfiles, sorteios ou momentos culturais, pois um pacote de obras estruturais também foi desenvolvido.

4 Considerações finais

A celebração do Bicentenário da Independência no Brasil coloca em xeque essa efeméride, em razão do momento político em que o país se encontra. Pensar o 7 de setembro de 1822, os acontecimentos em seu entorno e compreender seu impacto ao longo desses 200 anos de história nos possibilita pensar que povo somos e que direcionamento queremos dar daqui por diante. Por entender que a história é um processo de interação, faz-se necessário encontrar frestas para o diálogo entre os fatos do passado e o sujeito no presente. Nesse horizonte, a revisitação às comemorações do Centenário da Independência na Paraíba, por meio da imprensa, na forma dos periódicos *O Norte* e *Era Nova*, nos auxilia a compreender a construção da memória de símbolos, as comemorações em geral, pois, “ao proporem a lembrança de fatos, de feitos heroicos passados a serem recuperados, as festas contribuem para legitimar e dar coesão social à nação” (OLIVEIRA, 1989, p. 181).

A imprensa apresenta flagrantes sobre o cotidiano de um tempo (SENA, OLIVEIRA; SOUSA, 2017) por oferecer, por meio de suas notícias, a comemoração singular para viver, observar e memoriar. E isso é importante, como afirma Neves: “Porque comemorar é sempre construir uma memória comum, vale dizer, uma identidade coletiva e um projeto de futuro” (2000, p. 10).

Assim, os periódicos paraibanos *O Norte* e *Era Nova* estiveram monumentalizando a realização do Centenário, pois, na sua celebração está presente a história, já que a comemoração evita o esquecimento. Assim, faz-se mister entender a festividade do Centenário como comemoração para estreitamento de laços, ou seja, “A festa como uma prática expressiva das

relações sociais e como portadora de uma certa pedagogia cuja eficiência supera a de outros espaços em que uma dada sociedade administra sua memória” (NEVES, 2000, p. 6).

Nessa perspectiva, a produção do audiovisual sobre o Centenário da Independência do Brasil para o Bicentenário da Independência como “lugar de memória” (NORA, 1993) contribui para reflexão de uma questão que fica no ar: como se organiza a celebração dessas efemérides que nos provocam estranhamento e dúvidas após os 200 anos do 7 de setembro de 1822?

Referências

ARAÚJO, Fátima. **Paraíba**: imprensa e vida. 2. ed. João Pessoa: Grafset, 1986.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

COSTA, Patrícia Coelho; SOARES, Jefferson da Costa. O centenário da independência brasileira em nossas escolas primárias: narrativas históricas escolares em disputa. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 20, p. 1-22, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/76sBhNbG5HTVcXyt9ZKBHJC/?lang=pt#:~:text=O%20artigo%20prop%C3%B5e%20um%20estudo,fato%20hist%C3%B3rico%20na%20escola%20prim%C3%A1ria>. Acesso em: 11 jul. 2022.

ERA NOVA. Paraíba do Norte: Oficinas Graphicas da Imprensa Oficial, v. 2, n. 29, 1 jul. 1922a. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/jornaisfolhetins/acervo/Era_Nova_1922_ano_II/ERA_NOVA_01_07_1922.pdf. Acesso em: 23 jul. 2022.

ERA NOVA. Paraíba do Norte: Oficinas Graphicas da Imprensa Oficial, v. 2, n. 31, 1 ago. 1922b. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/jornaisfolhetins/acervo/Era_Nova_1922_ano_II/ERA_NOVA_01_08_1922.pdf. Acesso em: 23 jul. 2022.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina. Introdução: pelos caminhos da imprensa no Brasil. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina (org.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 7-19.

MOTTA, Marly Silva da. **A nação faz cem anos**: a questão nacional no centenário da independência. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1992.

NASCIMENTO, George Silva do. **A “consciência histórica paraibana”**: do IHGP à historiografia acadêmica. 2016. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <http://historia.fafich.ufmg.br/defesas/508D.PDF>. Acesso em: 19 out. 2022.

NEVES, Margarida de Souza. Educação pela memória. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2000.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, jul./dez. 1993.

O NORTE. Paraíba do Norte, 1º jan. 1920a.

O NORTE. Paraíba do Norte, 18 maio 1920b.

O NORTE. Paraíba do Norte, 23 jun. 1922a.

O NORTE. Paraíba do Norte, 12 set. 1922b.

O NORTE. Paraíba do Norte, 31 ma. 1922c.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. As festas que a República manda guardar. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 172-189, 1989.

PESSOA, Laurita. **Epitácio Pessoa 1865-1942**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1915.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTAL DO BICENTENÁRIO. Equipe. Rio de Janeiro: Anped, 2022a. Disponível em: <https://portaldobicentenario.org.br/independencias/>. Acesso em: 10 out. 2022.

PORTAL DO BICENTENÁRIO. Independências. Rio de Janeiro: Anped, 2022b. Disponível em: <https://portaldobicentenario.org.br/independencias/>. Acesso em: 10 out. 2022.

RODRIGUES, Alzira de Cássia da Silva. Tessituras de uma Era Nova: Paraíba dos anos 1920. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais [...]**. Natal: ANPUH, 2013. p. 1-13. Tema: Conhecimento histórico e diálogo social. Disponível em: http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1363888362_ARQUIVO_ARTIGOANPUH-TessiturasdeumaEraNova.pdf. Acesso em: 16 out. 2022.

SENA, Fabiana; OLIVEIRA, Bianca Machado de; SOUSA, Larisse Lima de. A imprensa no nordeste brasileiro: correspondências sobre instrução pública como fonte e objeto de pesquisa. **Interfaces Científicas - Educação**, Aracaju, v. 5, n. 2, p. 91-104, fev. 2017. DOI 10.17564/2316-3828.2017v5n2p91-104. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/3799/2109>. Acesso em: 5 out. 2022.